

A SAGA DE **SOLAR**



**UM DOS MAIS AUTÊNTICOS
HERÓIS DE NOSSAS HQS!**

MAIS QUADRINHOS

A SAGA DE SOLAR

Wellington Srbek

Origens.

Foi em meados de 1994 que o personagem Solar nasceu. Na época, eu já havia desenhado algumas HQs curtas e produzido um fanzine, mas queria trabalhar num projeto maior. Foi então que tive a ideia de criar uma série com um herói brasileiro.

Desde o início, defini que o personagem não teria as espalhafatosas fantasias coloridas dos super-heróis tradicionais, o que por si só já o afastava um pouco daquele popular gênero de quadrinhos. Mas seriam necessários outros elementos para diferenciar e justificar meu projeto, pois eu não queria fazer apenas mais uma HQ de um personagem com superpoderes. O fato é que, a partir daí, “o universo começou a conspirar a meu favor”, e as peças do mosaico criativo foram surgindo!

Primeiro, vieram as influências saídas do curso de História, que eu iniciava na UFMG, como os conceitos de “Apolíneo” e “Dionisíaco” de Nietzsche, o “Complexo de Édipo” de Freud e a concepção grega do “herói trágico”, que fundamentariam o personagem e alguns dos roteiros iniciais da série. Na mesma época, descobri as primeiras HQs de Monstro do Pântano escritas por Alan Moore, que me mostraram ser possível conciliar histórias de heróis e elementos místicos e míticos. Em seguida, li a revista *A Falta de Educação no Brasil* do cartunista Nilson Azevedo, com a qual aprendi como criar uma história com ação, partindo de situações cotidianas e de uma ambientação local.

O personagem que eu estava criando era um “herói apolíneo”, um “herói solar”. Mas faltava ainda uma característica que marcasse sua identidade em relação à de outros já existentes. Em grande parte, o que determina a razão de ser de um herói e o porquê de ele ser um indivíduo especial são sua origem e a identidade cultural que ele representa. Portanto, era preciso dar uma origem cultural a meu herói. Foi aí que chegou a minhas mãos o ótimo *Maira* de Darcy Ribeiro e mais tarde o saboroso *Xingu: os índios, seus mitos* de Orlando e Cláudio Villas-Bôas. Com isso, o mosaico se completou: eu já tinha em mente o herói que chamaria de Solar!

Em julho de 1994, enquanto frequentava os eventos de rua da primeira edição do FIT (Festival Internacional de Teatro de BH), eu ensaiava os primeiros esboços para o visual do personagem, ao mesmo tempo em que concebia a trama principal da série. Escolhi para ele o nome Gabriel Azevedo e criei personagens coadjuvantes, como seus pais adotivos, sua mãe, Sofia Ribeiro, e sua esposa, Cristiane Villas-Bôas. Ele voaria e enfrentaria desafios similares aos do Super-Homem dos anos 80 e trabalharia como fotógrafo, passando por dificuldades semelhantes às do Homem-Aranha dos anos 70.

Porém, no lugar de uma grande metrópole norte-americana, as aventuras do personagem aconteceriam num ambiente que conheço bem: minha cidade natal.

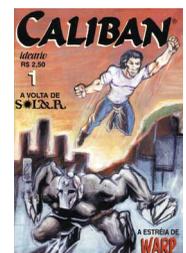
Belo Horizonte havia passado há pouco por reformas que a embelezaram e recuperaram alguns de seus prédios e pontos históricos (como a Praça da Liberdade). Estávamos, então, redescobrimo nossa capital cercada de montanhas, e muitos de nós desenvolvemos um genuíno amor por BH. Assim, não é por menos que criei para a cidade um herói que voava entre seus prédios (como o edifício Acaiaca) e vivia aventuras em alguns de seus locais mais conhecidos (como a Praça Sete). Só bem mais tarde fui perceber que na bandeira da capital de Minas Gerais aparece um Sol que nasce entre as montanhas (da Serra do Curral). Ou seja, BH tinha mesmo que ser a cidade do Solar!

Trajatória.

Em sua concepção inicial, o projeto da série *Solar* teria um total de vinte e um capítulos, divididos em três livros: “Asas de Ícaro”, “Solo Sagrado” e “Humanidades”. No início do segundo semestre de 1994, os roteiros desenhados dos dois primeiros capítulos já estavam prontos. Porém, eu havia decidido que não desenharia a série, pois meu estilo de desenho não se adequava ao clima de ação das HQs. Só me restava procurar por um desenhista. Foi então que conheci o ilustrador Ricardo Sá, que se interessou em embarcar no projeto após ver os dois primeiros roteiros.

Enquanto Solar tomava forma, eu continuava a escrever novos capítulos da série e começava a buscar uma maneira de pagar pelo trabalho do Ricardo, além de financiar o lançamento de uma revista. Já em 1995 consegui a aprovação, pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de BH, para a produção de sete números de uma revista. E assim, com um logotipo desenhado por Cristiano Seixas do Estúdio Big Jack e a colaboração do amigo Dênio Takahashi na editoração da revista, em março de 1996 pude lançar o primeiro número da *Solar*.

Ter aquele nº1 em mãos foi uma sensação indescritível! É claro que o trabalho estava apenas começando, e eu logo descobriria que conseguir lançar uma revista não era o maior desafio para um quadrinista independente. Não demorou nada para eu perceber que a divulgação e a distribuição eram os verdadeiros “gargalos” da produção brasileira de quadrinhos. Além disso, mesmo tendo os quatro primeiros capítulos já desenhados, Ricardo acabou se atrasando no quinto e sexto. Então, para o sétimo capítulo, assumi uma equipe do Estúdio HQ, formada por Erick Azevedo, Sidney Telles, Fernando Rabelo e Fabiano Barroso.



Com alguns rearranjos, seguimos em frente, lançando em 1996 as revistas com os sete capítulos do livro “Asas de Ícaro”, que seriam reunidos numa coletânea em dezembro daquele ano. A revista *Solar* chegava ao fim, mas a saga do personagem continuaria numa nova publicação. Afinal, enquanto produzia as últimas edições de minha primeira revista, consegui a aprovação, pela Lei de Incentivo, para as sete edições da *Caliban*.

Lançada em agosto de 1997, a nova revista daria continuidade às aventuras de Solar, trazendo novos personagens e séries, bem como histórias curtas. Além de Ricardo Sá, desenhistas ligados ao Estúdio HQ e ao Big Jack participaram das edições, que contaram ainda com o talento de Flavio Colin, Julio Shimamoto e Mozart Couto. Em seu primeiro ano, *Caliban* teve quatro números publicados, com memoráveis festas de lançamento e uma pequena participação na 3ª Bienal Internacional de Quadrinhos. Ficaram para 1998 os três últimos números da revista, com os quais eu ganharia meu primeiro prêmio nacional: o Troféu HQ MIX de “Melhor Revista Independente”.

Claro que a principal atração da *Caliban* era o Solar, que reestreeu no nº1 da revista, com o primeiro capítulo do livro “Solo Sagrado”. O personagem voltaria em quase todas as edições, mas minha ideia inicial para uma série de vinte e um capítulos acabou resumida para quatorze HQs (sem perdas muito substanciais). A verdade é que naquele ano de 1998 eu aspirava a outros voos, sendo o principal deles a produção do álbum *Estórias Gerais*, com desenhos do mestre Flavio Colin.

Com *Solar* e *Caliban* realizei o sonho de lançar revistas em quadrinhos. Produzi-las foi uma verdadeira aventura criativa e, embora não tenham sido um grande sucesso comercial, elas marcaram seu lugar no circuito dos quadrinhos independentes. Como afirmou o crítico Marcello Castilho Avellar do jornal *Estado de Minas*, aquelas revistas “foram uma espécie de marco da maturidade dos quadrinhos em Belo Horizonte”.

Reformulação.

Em 2004, *Solar* completou dez anos de sua criação. Por gostar muito do conceito do personagem, por achá-lo interessante e original, decidi trabalhar numa reformulação. Assim, em novembro daquele ano, comecei a bolar uma história que recriaria o herói. Seu nome passava a ser Gabriel Ribeiro, pois ele e sua mãe, Sofia, não tiveram que se separar logo após seu nascimento (como acontecia na “versão original”, na qual ele tinha pais adotivos). Outra mudança é que o personagem seria mais jovem e não estaria ainda casado com Cristiane (que seria sua namorada, e não sua esposa como antes). A reformulação também contaria com uma importante participação do pai de Gabriel, o pajé Uiraçu (que já havia aparecido na versão anterior).

No início de 2005, o desenhista Fernando Cypriano começou a trabalhar nas páginas da reformulação. Contudo, após desenhar os dois primeiros capítulos, ele teve que deixar

o projeto, devido a compromissos pessoais. No lugar dele, assumiu o desenhista Laz Muniz, que recomeçou do zero. Nos dois primeiros capítulos tudo correu bem; mas, enfrentando problemas pessoais, ele deixou o projeto no início de 2006. Com isso, as dezenas de páginas finalizadas (do que passei a chamar de “versão apócrifa” do *Solar*) ficaram sem uma conclusão e também sem serem publicadas.

Chateado, quase desisti da ideia da reformulação. No entanto, pouco tempo depois, resolvi debruçar-me novamente sobre o projeto. O resultado foi que, ao longo de 2007, acabei refazendo a maior parte do roteiro. Era hora então de reiniciar a busca por um desenhista. Após algumas tentativas que não deram em nada, no início de 2008 conheci o desenhista Rubens Lima, que tinha lido o *Solar* original quando adolescente e ficou interessado no projeto da reformulação. Acertados os valores e prazos, Rubens começou a trabalhar nos estudos de personagens e nas páginas da HQ. Assim, em 2009, após quatro anos de persistência, a reformulação de *Solar* finalmente ganhou forma!

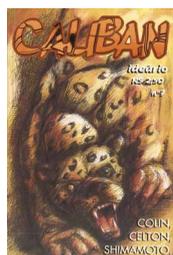
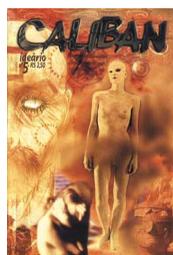
O resultado foram as revistas *Solar: Renascimento* e *Solar: Solo Sagrado* (que também contaram com a editoração eletrônica do infalível amigo Dênio Takahashi). Nessa “versão reformulada”, o personagem se chama Gabriel Ribeiro e trabalha como programador visual, tem 27 anos e é mesmo casado com Cristiane Villas-Bôas. Sua mãe, Sofia, e seu pai, Uiraçu, também têm participação importante na trama. Em essência, é o mesmo personagem, porém os roteiros estão mais concisos que antes e o caráter cultural e simbólico do herói foi reforçado. Além disso, *Solar* ganhou um novo visual, que inclui um símbolo xamanístico do Sol tatuado em seu peito.

Com essas novas revistas, as qualidades do personagem e da história foram ressaltadas por críticos como Pedro Cirne do jornal *Folha de São Paulo*, que caracterizou *Solar* como um “herói atípico”, e Lielson Zeni do site *Universo HQ*, que elogiou o roteiro, cuja “estrutura de pequenos capítulos facilita a fluência da trama”. Já a revista *Mundo dos Super-Heróis* destacou a originalidade da obra, que “mostra como é possível fazer uma boa história de super-heróis sem seguir os clichês dos gibis norte-americanos”.

Em 2009, *Solar* ganhou ainda uma exposição de 15 anos no FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos de BH), com reproduções de desenhos saídos de várias HQs, além de ilustrações especiais produzidas por Will e pelo mestre Shima. Tema numa pesquisa de mestrado em Comunicação Social pela UFPE, o herói também apareceria na capa de um dos volumes da enciclopédia espanhola de quadrinhos.

Com tudo isso, já em 2010 eu cultivava a ideia de uma “renovação” do personagem. E o resultado dessa nova aventura editorial pode ser conferido nas páginas de *Solar: História de Origem* (2014) e *Solar: O Caminho do Herói* (2015)!

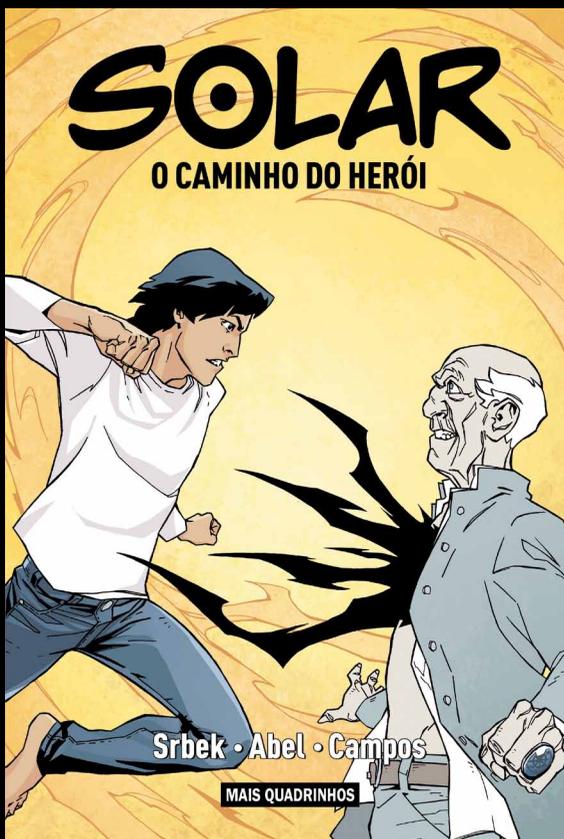
A Saga de Solar é uma publicação com fins de divulgação.
Todos os direitos são reservados a Wellington Srbek © 2009-2015.





Solar: História de Origem nos apresenta Gabriel Nascimento, um jovem que levava uma vida comum, até o dia em que descobriu possuir incríveis poderes. Mas essa descoberta traz também mistérios e desafios que ele terá de enfrentar para encontrar seu destino e proteger as pessoas que ama. Criado em 1994, o herói Solar ganha uma versão inteiramente renovada, numa HQ com roteiro envolvente, ótimos desenhos e produção gráfica de alta qualidade!

56 páginas em cores, capa cartonada, formato 19cm x 28cm



Solar: O Caminho do Herói continua a aventura iniciática de Gabriel Nascimento, um jovem que tem sua vida transformada ao descobrir que possui incríveis poderes. Agora, partindo de uma conversa com um urubu falante, passando por um reencontro familiar e uma vertiginosa experiência xamanística, é hora de nosso herói enfrentar seu arqui-inimigo. Tudo isso numa nova HQ com roteiro envolvente, ótimos desenhos e produção gráfica de alta qualidade!

40 páginas em cores, capa cartonada, formato 19cm x 28cm